

Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e de comércio

Telefone 12
Depósito nesta Vila:

MANUEL DA SILVA DOMINGUES

AVENÇA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 24 — TELEFONE 59
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO III — N.º 135 — Domingo, 8 de Janeiro de 1956

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

PORTUGAL E A UNIÃO INDIANA

TEM A PALAVRA o Tribunal de Haia

A ACÇÃO jurídica proposta por Portugal à União Indiana, perante o Tribunal de Haia, é um grande exemplo oferecido ao Mundo e revela bem as tendências pacifistas do Governo Português, que, na defesa intransigente dos seus direitos, apela para o mais alto Tribunal do Mundo a que as duas Nações em litígio se têm de subordinar como mem-

CRÓNICA do Natal

Por Helena de Aragão

...Hora de ilusão... Hora de encantamento... Hora de má-gua...

Natal! Sobem no ar ondas claras de ternuras santas: abrem-se os corações aos contentamentos puros. Entram os lares em festa! Olhos e almas iluminam-se de beleza, porque de todos os peitos fogem, neste instante de mística alegria, as más paixões que cegam e desorientam a humanidade.

Quer seja no recato sereno das aldeias, onde vive a ingénua quietude do sonhar, a conformação contente do sentir, quer seja no coração palpitante das cidades, onde o ansiar é mais corrosivo e o visionar mais insatisfeito, ricos e remedeados celebram a consoada.

Para uns é singelo agrupar de afectos, ao redor da mesa atalhada de estopa grosseira, mas tão alva como a brancura das neves que vestem as serras, e das águas correntes das quebradas. Para outros, são divertimentos requintados, paradas de elegâncias, estonteados de luxo e de satisfação. Mas para todos esses a hora é de alegria sentida, porque lhes dá vibração o mesmo influo de amor.

Nas ruas cresce o movimento febril da multidão, que vai afanosa, de casa em casa, à procura do brinde mais lindo para ofertar ao ente que mais ama e quer contentar. Nas vitrinas dos estabelecimentos, o cálculo subtil da sedução procura realce para o que mais pode tentar e atrair compradores. E é pelas ruas das cidades, reverberantes de luz reforçada, todo um deslumbramento de faiscâncias e de coloridos, todo um aparato entontecedor de caprichos e de apetites.

Há música alegre a cada canto, há propósitos em todos os cérebros, cálculos e balanços em todas as bolsas... Aqui se prepara um baile, além se combina um serão. E todos pensam na alegre consoada do Natal.

(CONCLUÍ NA 3.ª PÁGINA)

bro da Organização das Nações Unidas.

E' incontestável que Portugal esgotou a sua paciência, tentando conciliadoramente resolver o problema. Mas a atitude da União Indiana, indigna de uma nação que apregoa o pacifismo e vai massacrando populações, invadindo territórios, usurpando direitos e fomentando desordens, não merece outro tratamento.

E' perante o Tribunal que há-de explicar a invasão do território de Dadrá em 1954, depois de o ter isolado rigorosamente, calcando aos pés o tratado assinado em 1779 entre Portugal e o soberano de Puném, dando-nos o direi-

(CONCLUÍ NA 4.ª PÁGINA)

ENCERRA-SE HOJE

A SEMANA DO HOSPITAL

DA MISERICÓRDIA DESTA VILA

Com a concentração dos donativos e sua entrega à Santa Casa da Misericórdia, procede-se hoje à conclusão da «Semana do Hospital» desta vila. As comissões nomeadas têm desenvolvido aturado esforço nas suas áreas concelhias, em vista a conseguirem que este movimento de solidariedade seja coroado de êxito, em benefício duma instituição que bem merece ser ajudada por todos, sem excepções.

As pessoas que ainda não tenham feito entrega do seu óbolo à Comissão de Recolha respectiva poderão ainda fazê-lo no

(CONTINUA NA 4.ª PÁGINA)

COMEMORANDO O CENTENÁRIO DE MOUZINHO DE ALBUQUERQUE

AS CAUSAS DA MORTE DE MOUZINHO

III

PELO DR. VERGÍLIO PASSOS

AO fim de três anos, depois de ter assegurado a ocupação total de Moçambique, Mouzinho resolveu vir à Metrópole para tratar da profunda remodelação administrativa que projectava. Chegou a Lisboa a 15 de Dezembro de 1897, onde lhe prepararam apoteótica recepção. Ao encontro do vapor «Peninsular» havia ido uma galeota real, que trouxe para terra Mouzinho e sua esposa, desembarcando-os na ponte do Arsenal, onde se en-

contrava o rei, toda a família real e o Governo. D. Carlos recebeu-o com um efusivo abraço, enquanto se ouvia a música e entusiásticas aclamações. A caminho de sua casa, foi acompanhado por grandioso cortejo de cavaleiros, cavalgando à sua direita o infante D. Afonso e o general Queirós, e à esquerda, o comandante da divisão, conde S. Januário e o general Lencastre e Menezes. Nos dias seguintes repetiram-se as festas e a Câmara Municipal recebeu-o solenemente. Sentou-se à mesa do rei, e na Sociedade de Geografia recebeu das mãos de D. Carlos a medalha de Valor Militar, tendo o próprio rei proclamado o heroísmo dos seus feitos.

A chegada do herói foi festejada por todo o País. Nas cidades que visitou com a esposa, fizeram-lhe estrondosas recepções. No palácio da Bolsa do Porto houve banquete de honra, e aí, no famoso salão árabe, com a maior solenidade, recebeu Mouzinho, como oferta da Associação Comercial, uma espada de honra, esculpida por Teixeira Lopes.

Depois de merecido descanso, em Março de 1898 fez a sua grande viagem ao estrangeiro, julga-se que sugerida por D. Carlos. Foi acolhido com as maiores deferências pelo governo inglês, pelo presidente da República Francesa e por Guilherme II, imperador da Alemanha, que lhe significou especial apreço pelas suas brilhantes qualidades militares. Esta viagem dera-lhe ensejo de sondar as disposições daquelas potências acerca das colónias portuguesas.

Em Abril preparava-se para regressar a Moçambique. Os invejosos, passado o entusiasmo que empolgou a Pátria, começaram a

notar defeitos na administração de Mouzinho, criticando as «concessões» que fizera. O comissário régio, embora afirmasse que «nenhuma concessão havia feito que pudesse prejudicar a indústria nacional, não conseguiu fazer parar insinuações e ataques de que era alvo no Parlamento e na imprensa.

No entanto, continuava decidido a enfrentar a administração colonial... com a condição de as

(CONTINUA NA 4.ª PÁGINA)

o único centro industrial do Sul do País onde o peixe não faltou, como se tem verificado em todos os centros piscatórios, desde Lisboa até Olhão. De todos os portos de pesca, o mais gravemente afectado pela ausência de sardinha foi o de Setúbal, que atravessa uma crise — de pesca e conservas — de proporções assustadoras. Não sabemos quantas fábricas de conservas, daquele que foi em tempos o maior centro conserveiro português, poderão sobreviver a esta crise. E dá que pensar também a pertinácia dos industriais sardinos que, lutando desde há anos com uma crise que apenas foi interrompida esporadicamente em 1954, persistem em manter as suas fábricas nessa zona, da qual a sardinha parece

(CONCLUÍ NA 4.ª PÁGINA)

ANO NOVO Ano feliz?

Por NATÉRCIA ALGARVE

QUANDO o velho ano está prestes a entregar o corpo e a alma a Deus, a maioria dos mortais solta esta frase correntia e enigmática: «Ano novo, ano feliz?»

Mais um ano a ligar ao rosário dos que vamos vivendo.

Englobando em si esperanças, ilusões e arvorando patrioticamente um ceptro, eis que chega um Novo Ano.

Na noite que antecede o primeiro dia do ano, em todas as casas, ou quase todas, se festeja alegre-

mente a chegada de mais um ano.

Há petiscos e guloseimas, canta-se e toca-se, e todos à porfia se empenham em ditos jocosos e em boa disposição.

«Oh, homem! essa cara não é para uma noite destas...»

Esta frase é sempre dita quando algum cavalheiro da reunião se mostra tristonho ou taciturno.

Se alguma rapariga também parece entristecida, dizem logo as outras:

«Oh menina! muda de

(CONCLUÍ NA 3.ª PÁGINA)

À JANELA DA SAUDADE

Por A. Vicente Campinas

JUSTA HOMENAGEM

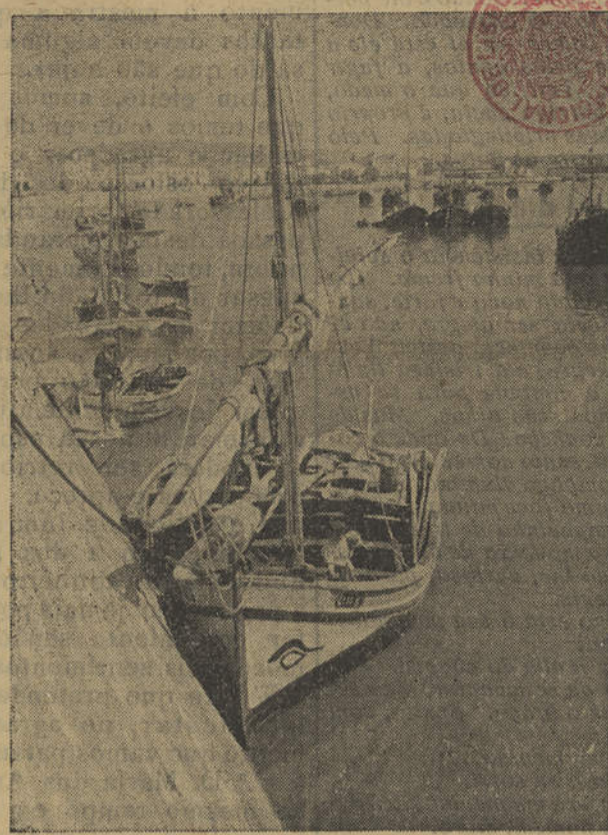
EM 15 do corrente mês, vai ser prestada homenagem pública à professora do ensino primário, sr.ª D. Maria dos Anjos Neves. No «Notícias do Algarve» lançou-se a ideia de tal homenagem. Nada mais justo, nada mais simpático: justo, porque a homenageada dedicou uma vida inteira à honrosa e produtiva missão de preparar o caminho da cultura a inúmeros jovens — alguns já guindados a avós, na actualidade; e simpático, porque, na verdade, tudo quanto represente homenagear com justiça encerra uma enorme percentagem de simpatia!

Tenho acompanhado, através das colunas deste nosso jornal, a marcha de tal iniciativa. Vozes de antigos alunos, espalhados por todo o nosso país, têm chegado para compartilhar em tal movimento de tão simpática significação. Estou certo de que muitas outras vozes se farão ouvir, ainda. E até ao dia dessa homenagem, novas vozes serão escutadas, com a simpatia da sua solidariedade e admiração por D. Maria dos Anjos Neves.

Fui seu aluno. A ideia arrastava-me, nestes momentos, para o mocinho de bibe que, juntamente com o hoje respeitável padre dr. Sezinando de Oliveira Rosa, era dos mais pequeninos da classe mais adiantada... E certamente por sermos os dois mais pequenos da classe, é que tínhamos a preferência dos professores, na colocação dos alunos. Estávamos sempre na primeira fila, para qualquer explicação. Nesse tempo, com escola sem as condições da actual, certas explicações eram dadas mesmo à beirinha da secretária do professor... E assim se justificava a chamada para a vanguarda dos dois pingentes...

Abstraindo, por agora, a muita simpatia pessoal que, certamente, a gratidão enfeitou no nosso coração, considero da maior justiça a homenagem que vai prestar-se. Não basta dizer-se que este e aquele professor deu a sua vida à

(CONCLUÍ NA 4.ª PÁGINA)



Esta canoa, típica barquinho da nossa costa, balouçando-se suavemente nas águas cristalinas do mar algarvio, é uma miragem da inactividade a que durante três meses são remetidos os nossos barcos, após uma faina insana de nove meses de luta em procura das riquezas do nosso mar.

ATINGIU o mais alto valor

de todos os tempos

O MONTANTE DO PEIXE TRANSAÇIONADO NA NOSSA LOTA, NO ANO FINDO

O ANO que terminou foi muito frutuoso piscatoriamente para Vila Real de Santo António. Salvo curtas pausas derivadas da circunstância do tempo, pode dizer-se que foi este

Contos Góticos

Por MARIA MANUELA NUNES

Três letras mágicas

Das mãos sábias de Einstein a ave poderosa voou. Voou, deu a volta ao mundo. Os homens olham, assombrados, as três letras mágicas da nossa época; E=MC²... Isto é, a energia é igual à massa multiplicada pelo quadrado da velocidade da luz no vácuo. Nesta igualdade humilde assenta, em grande parte, o futuro dos povos. Se os governos se servirem dela para bem da humanidade, que belo, luminoso caminho será desbravado por aquela simples charrua de três peças! Se, porém, for aplicada em armas de destruição em massa e estas forem usadas, a vida desaparecerá da face da terra...

E' preciso que todos nós saibamos desta alternativa. Sim, é preciso, para estarmos mais aptos a defender a esperança, o futuro, a vida. Para vencer o perigo, há que ter consciência dele...

Filho adoptivo

Gosto dos poetas. Amo-os. Um grande poeta é, para o seu povo, uma incalculável riqueza. O meu amigo A. Brás, quando Paul Eluard morreu, dizia: «Estou triste. Triste como se morresse uma criança ou uma flor. Porque os poetas, as crianças, as flores, são íntimos da vida.»

E' um belo pensamento expresso numa bela frase, então não é? Que pena tenho de não ser minha... As veses sou invejosa. Nunca vos aconteceu? Não é minha, bem, mas posso adoptá-la. Vamos nós todos adoptá-la?

Pelo menos

Há meses, o «Farrusco» era um gatinho miserável. Estou a recordá-lo: sentado nas patas traseiras, em cima de um vaso. Uma estranha flor, preta e branca, só olhos, que de repente, ao mais ligeiro ruído, saltava do vaso e se perdia nos telhados próximos.

Agora é um senhor gato! gor-

(CONCLUÍ NA 5.ª PÁGINA)

UMA JUSTA HOMENAGEM

A HONROSA missão

DO PROFESSOR PRIMARIO DEVE SER DEVIDAMENTE PRESTIGIADA

ESTAMOS a tocar o final desta iniciativa, que se impunha como um imperativo de consciência, e, mercê da compreensão de alguns antigos alunos da professora D. Maria dos Anjos Neves, a intendida homenagem vai levar-se a efeito, conforme o previsto. Dizemos «alguns», e não «muitos», porque, infelizmente, nem a todos haveria chegado a notícia deste movimento de gratidão à sua professora, ou talvez na maioria dos antigos alunos, em situações modestas, vencesse o escrúpulo injustificado de juntarem a sua pequena participação à dos outros que mais podem.

Felizmente que nem todos assim pensaram, porque o que mais importava era marcar o acto de presença e deixar o seu nome ligado ao acto que vai efectuar-se e à lembrança que a distinta mestra vai receber, em nome de todos os seus antigos discípulos, numa prenda de recordação afectuosa.

Duma carta que o nosso

(CONCLUÍ NA 5.ª PÁGINA)



apresenta
UMA CRÓNICA
por semana

QUEM vive na provincia, provavelmente, não sentirá com tanta acuidade e tão angustiadamente o problema crucial de fazer esticar o modesto ordenado até dar para uma renda de casa avultada, educar sofrivelmente os filhos, andar e os seus vestidos de forma a que se não torne reparado pelos seus superiores e por aqueles que lhe são iguais e, sobre-

tudo, ter a papperoca assegurada.

Muitos patrões haverá que são capazes de reparar na vestimenta e no calçado dos seus empregados, mas que não lhes pagam de harmonia com as suas exigências, uns porque não podem e outros porque não querem.

Quando digo «quem vive na provincia», não quero significar que as necessida-

(CONCLUÍ NA 4.ª PÁGINA)

Notícias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Esteve nesta vila, acompanhado de sua esposa, o sr. engenheiro-agrônomo Jorge Falcão Risques Pereira, nosso prezado assinante na capital.

Tivemos o prazer de cumprimentar, na nossa Redacção, o nosso prezado amigo e assinante em Lisboa sr. dr. Emydio Lima, acompanhado de seu filho sr. Emídio Passos de Lima.

Retirou para Lisboa, depois de ter passado algum tempo em casa de sua irmã, o nosso prezado assinante em Lisboa, sr. João Faustino, acompanhado de sua esposa e filha.

A passar o Ano Novo, esteve nesta vila em casa de sua família, acompanhado de sua esposa, o nosso estimado assinante em Lisboa sr. Manuel António Caldeira.

Esteve nesta vila o nosso prezado amigo e assinante em Mértola, sr. António Passos de Lima.

A passar a quadra festiva, esteve nesta vila, acompanhado de sua esposa, o nosso estimado assinante e distinto colaborador, sr. cap. António Gonçalves, residente em Setúbal.

Acompanhado de sua esposa, esteve em Huelva a passar o Ano Novo o nosso prezado assinante e amigo sr. Eugénio José Farinha,

Vindo de Tânger, encontra-se nesta vila, de visita a sua família, acompanhado de sua esposa e filhos, o nosso estimado assinante e amigo residente naquela cidade sr. Manuel José Dias.

Seguiu, há dias, no paquete «Quanza», para a província de Macau o nosso prezado amigo e assinante sr. cap. Rui Lopes da Trindade e Lima, filho do nosso amigo e prezado colaborador, sr. prof. José da Trindade e Lima.

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta vila, onde veio passar as férias do Natal, o nosso prezado assinante sr. eng. Francisco Ortigão Gomes Sanches.

Encontra-se em Lisboa, aonde foi passar a quadra festiva, o nosso prezado amigo e assinante sr. dr. Manuel Pereira Fernandes Vargas, acompanhado de sua esposa e mãe.

Regressou de Matosinhos, onde esteve durante algum tempo, o nosso prezado assinante sr. Mário Borges de Sousa.

Acompanhada de seus filhos, regressou de Matosinhos a sr.ª D. Ivone Munhoz Samúdio.

Vindo de Lisboa, esteve em casa de seus pais, a passar o Ano Novo, o nosso estimado amigo sr. Manuel Viegas Pinheiro, filho do nosso querido amigo e assinante sr. António Pinheiro Júnior.

Regressou de Évora, onde tinha ido a passar a quadra festiva com sua família, a sr.ª D. Ilda Gomes Augusto, esposa do nosso estimado assinante sr. Joaquim Augusto.

Acompanhado de sua esposa e filhos, encontra-se nesta vila, de visita a sua família, o nosso prezado conterrâneo e amigo sr. dr. Jorge Lopes Bonança, nosso assinante em Lisboa.

Esteve em Faro o sr. dr. Pedro Pacheco Neto Mil-Homens, meritíssimo juiz-corregedor do Circulo Judicial de Évora, nosso prezado amigo e assinante naquela cidade.

Encontra-se em Lisboa o sr. Álvaro de Lemos, proprietário do nosso prezado colega «Correio do Sul», de Faro.

A passar a quadra festiva, esteve nesta vila o sr. eng. João Ricardo Rita Néné, filho do nosso prezado amigo e assinante sr. Teófilo Rita Néné, residente em Lisboa.

Depois de ter passado a quadra festiva do Natal em companhia de seus pais, retirou para a Guarda a nossa prezada assinante, menina Idália Gomes Martins.

Esteve nesta vila, com curta demora, o nosso prezado assinante na Luz de Tavira, sr. Joaquim Martins Rochartre.

Esteve alguns dias nesta vila o nosso prezado amigo e assinante em Lisboa, sr. Augusto Valente Parreira.

Casamentos

Na Basílica da Cova da Iria, em Fátima, realizou-se no passado dia 29 do mês de Dezembro,

Conta Gotas

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

do, de pelo lusto e farto. Com uma estranha psicologia ou, bem vistas as coisas, talvez não tão estranha como pareça. Quando tem fome aproxima-se de mim, roça-se no meu roupão, deixa que a minha mão lhe pouse no focinho redondo e lhe percorra o lombo arqueado. Dou-lhe de comer — e aí está ele a meter-se pelos cantos, a fugir de mim. Verifico que o medo, com a barriga cheia, é próprio das classes privilegiadas. Pelo menos, entre os gatos.

Do meu diário

Olhei com insistência o sujeito que ia na minha frente. Um homem ainda novo e forte, saudável, devia ser alegre, não é? Pois não acontecia assim. Vestia de negro, e a tristeza tinha campo à vontade para se espreiar nos seus olhos. Mas de onde o conheço? De onde o conheço eu, santo nome? De onde? Um relâmpago ilumina, subitamente, uma face miuda e pálida de um rapazinho de treze anos, com uma madeixa de cabelo espreitando-lhe, curiosa, para os olhos azuis.

— Como está o seu menino? — perguntei.

Tocou a aba do chapéu. Fez menção de se levantar, mas segurou-lhe o braço. Sorriu, com esforço.

— O meu menino...

Também eu sorri.

— Sim, era um menino... Agora é um homem, claro.

— Agora não é coisa nenhuma...

Empalideci.

— Morreu, há dois meses. Uma dor de alma, minha senhora.

Um homem de vinte e um anos, foi uma leucemia. Um homem que era a alegria da minha casa!

Silenciou, balançando a cabeça, gravemente. E voltou a repetir, numa voz fanhosa e áspera:

— Uma dor de alma, uma dor de alma...

Entre mim e a cara barbada e triste, o rostozinho miúdo e pálido, de orelhas quase transparentes... Nitido, embora um milhão de pérolas coloridas estrotrasse nos meus olhos.

Maria Manuela Nunes

Assina e propaga "Notícias do Algarve"

findo, pelas 12 horas, a cerimónia de casamento do sr.ª dr.ª D. Maria Isabel Pais da Silva, gentil e prendada filha da sr.ª D. Silvina Pais da Silva e do sr. Manuel da Silva, conceituado comerciante da praça de Coimbra, com o sr. dr. Jorge Manuel de Oliveira Fagulha, filho da sr.ª D. Ana de Oliveira Serejo da Silveira Fagulha e do nosso prezado amigo sr. Virgílio Ferreira Fagulha, director do Distrito Escolar de Faro.

Serviram de padrinhos, por parte da noiva, a sr.ª dr.ª D. Maria Luísa Pais de Sousa e Silva e seu marido, sr. dr. Hildeberto Pereira de Sousa e Silva, e por parte do noivo, a sr.ª dr.ª D. Paula Carolina de Barros Ponce Leão Pais Ribeiro e seu marido, sr. dr. José Pais Ribeiro, ilustre Delegado de Saúde do Distrito de Faro.

A cerimónia religiosa, que se revestiu de grande pompa, acompanhada a órgão pela tia do noivo, sr.ª D. Noémia Fagulha Figueiredo, foi presidida pelo rev. dr. Sezinando Oliveira Rosa, digníssimo secretário geral da Acção Católica e amigo íntimo do noivo e de seus pais, que no final da missa proferiu uma vibrante alocução, salientando ter sido o noivo seu aluno e companheiro na Liga Escolar Católica, quando este frequentou o Liceu de Faro.

Seguiu-se, no salão da Casa de Repouso das Dominicanas, um primoroso copo de água, que decorreu num ambiente de elevada distinção e que deu lugar aquentes e vibrantes brindes.

Os noivos, a quem desejamos as maiores felicidades, seguiram em viagem de núpcias para o norte do País.

Doente

Quando, no dia de Ano Novo, se encontrava no Hospital da Misericórdia, onde ia levar algum conforto aos doentes ali internados, sofreu uma queda, na escada daquele estabelecimento hospitalar, a sr.ª D. Laura Pifoto Capa Horta Correia, esposa do sr. dr. António Virgílio Horta Correia, distinto clínico desta vila e nosso prezado amigo.

Do lamentável acidente resultaram sérios ferimentos à bemeirita senhora, pelo que se encontra em tratamento na sua residência, o que produziu geral consternação.

Fazemos votos de pronto e completo restabelecimento.

Uma justa HOMENAGEM

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

ilustre conterrâneo José Barão, jornalista com nome firmado, nos escreveu a significar-nos o seu apoio a esta homenagem, salientamos um passo em que nos diz tencionar comparecer nesta festa «de reconhecimento à mestra a quem tantos devem alguma coisa do que são hoje».

Com efeito, somos nós que temos o dever de acarinharmos e agradecer o produtivo esforço do digno professorado primário, na pessoa desta veneranda senhora, tendo em mente que, apesar de o Estado lhe satisfazer os ordenados (magros, por sinal), a nossa dívida de gratidão perante quem desveladamente ajudou a formar o nosso espírito só poderá ser retribuída com estima e apreço. Porque a solicitude dum mestre, tal como a dos pais, nunca haverá dinheiro que a pague, nem jamais poderá ter equivalente senão na moeda dos sentimentos.

E' isto que pretendemos manifestar, no agradecimento que vamos patentear a sr.ª D. Maria dos Anjos, ao mesmo tempo em que se exaltará a elevada missão do ensino infantil, tarefa importantíssima e bem elevada, a que é forçoso atribuir o merecido prestígio e consideração.

E damos por concluída a recepção de ofertas, com o registo das seguintes importâncias recebidas até hoje:

Transporte	1.010\$00
António José Palermo (Açores), por seus filhos	50\$00
Dr. João Domingues Medeiros (por seus filhos)	50\$00
João Manuel Nunes Cavaco	20\$00
Álvaro L. da Conceição Correia (Olhão)	20\$00
Manuel Martins Mascarenhas (S. Tomé)	250\$00
Eng. Orlando Vieira Rodrigues (Lisboa)	50\$00
Emídio Passos de Lima (Lisboa)	100\$00
Emílio Tenório Piloto (por seus filhos)	20\$00
António V. Campinas	25\$00
Total	1.575\$00

BAILES

Glória Futebol Clube

A fim de celebrar o «Dia do Glória», realiza esta prestigiosa colectividade um animado baile, hoje, dia 8, com a magnífica orquestra Imperial Jazz, de Tavira. O baile terá início pelas 21 horas.

Lusitano Futebol Clube

No Salão de Festas deste simpático clube, realiza-se hoje, dia 8, pelas 21 horas, um esplêndido baile, que será abrilhantado pelo óptimo conjunto Vera-Cruz, de Portimão.

Nesta Vila

precisam-se na

Alfaiataria

MADEIRA

costureiras habilitadas e aprendizas.

FALECIMENTO

Alfredo Estêvão

No dia 4 do corrente, faleceu em Monte Gordo o sr. Alfredo Estêvão, de 76 anos, marítimo, natural daquela povoação, onde residia.

O falecido deixa viúva a sr.ª D. Mariana da Rosa Viegas e era pai das sr.ªs D. Emília, D. Isabel e D. Elvira Viegas Estêvão, e dos srs. José, João, Manuel, Matias, Alfredo, José Fernando e Diamantino Viegas Estêvão.

O funeral, a cargo da «Agência Viegas», realizou-se no dia seguinte para o Cemitério desta vila.

PROVINCIA

TAVIRA

Passagem do ano

Na noite de 31 de Dezembro, Tavira festejou à sua maneira a passagem do Ano. O «Café Arcada» realizou «réveillon», que foi regularmente concorrido. A «Sociedade Orfeónica» organizou um baile com ceia à americana, estando a sua sala imensamente concorrida. Nos outros cafés locais houve ceias até às tantas da madrugada. À meia-noite, lançaram-se foguetes e na hora solene da entrada do ano ouviu-se um morteiro em toda a cidade, dando início ao Novo Ano. Este ano, por ser bissexto, entrou às escuras, pois a luz nas ruas apagou-se, como de costume, às 11 horas. Vamos a ver como o novo ano se porta. O princípio já não foi bom de todo...

Bairro Jara

O unico bairro para pobres que temos nesta cidade, legado em feliz hora e com a melhor das intenções, continua abandonado por quem podia e devia manter a sua existência. Os telhados a cair, a fachada, portas e janelas no mais completo desleixo que não se compreende. A rua onde o mesmo se encontra instalado, como mais de uma vez temos dito, encontra-se em miserável estado. Chamamos para o caso a atenção de quem de direito.

Obras no jardim

Com um fim louvável, a Câmara mandou alargar a rua lateral ao lado do rio Gilão, tendo que sacrificar uma faixa do Jardim a fim de a dita rua poder dar passagem a camiões e outros veículos de grande porte, e pensa arranjar convenientemente o pavimento da referida rua, melhoramento que há muito tempo se impunha. Embora tarde e devagar, pouco a pouco vamos verificando alguns melhoramentos.

Banda de Tavira

Mais um ano que findou e a nossa Banda de Tavira continua a manter-se, devido especialmente à boa vontade da Câmara e de alguns «carolas» que pagam a sua quota para que a mesma não desapareça. Pena é, segundo temos ouvido a mais de uma pessoa que tem acompanhado a referida Banda desde há muitos anos, que a mesma não corresponda ao que era de esperar. No passado mês de Dezembro, com seus feriados oficiais tradicionais, passaram despercebidos sem um concerto sequer nesses dias, quando toda a gente estava disposta a ouvir a nossa Banda, por não haver mais distração alguma na cidade. O 1.º de Dezembro e o dia 1.º de Janeiro passaram em branco nesta terra de belas tradições musicais.

Oxalá o novo ano seja mais bem compreendido por quem está à frente dos destinos musicais em Tavira, são os nossos votos.

Posse de um novo magistrado

No passado dia 22 de Dezembro, tomou posse do cargo de Delegado do Procurador da República, nesta comarca, o sr. dr. José Dias Inchaudo de Almeida. O novo magistrado já exerceu, interinamente, idênticas funções na comarca de Lagos. Fazemos votos de muitas felicidades no desempenho do seu alto cargo. — e.

ALCOUTIM

Grupo Desportivo de Alcoutim

No passado dia 30 de Dezembro do ano findo, reuniu-se na sede do Grupo Desportivo de Alcoutim a Assembleia Geral para a eleição dos corpos gerentes para o ano de 1956, ficando a direcção assim constituída:

Direcção — presidente, Joaquim Manuel Rita; vice-presidente, Alfredo dos Santos Colaço; secretário, Dimas Gaspar Martins; tesoureiro, Elentério Fabião Veríssimo Madeira.

Assembleia Geral — Presidente, Leopoldo Vicente Martins; vice-presidente, Manuel Pereira Guilherme; 1.º secretário, Primo Antunes; 2.º secretário, José Rodrigues dos Santos.

Cais acostável

Nos dias 17 e 18 de Dezembro do ano findo, as águas do Guadiana subiram, submergindo o cais acostável desta vila e deixando no mesmo uma camada de lodo e areia, que alguns pontos atingiu cerca de 50 cm de altura, o que prejudicava não só a quem tem de embarcar ou desembarcar, como ainda os veículos que lá não podem chegar para carregar ou descarregar qualquer mercadoria.

Julgamos que o caso em referência já tenha sido exposto à entidade competente, que deve ser a Direcção Hidráulica do Guadiana. Na hipótese de o não ter sido, aqui fica o apelo, para que aquela repartição não demore em mandar proceder à limpeza do referido cais.

ODELEITE

Esclarecimentos necessários

A fim de desfazer mal entendidos declara o signatário que é correspondente do semanário regional «Notícias do Algarve», acérrimo defensor da nossa província.

Outrossim, também declara que apesar de ter pouca instrução, que é limitada a instrução primária, não plagia nem copia banais notícias que referentes a Odeleite têm sido publicadas, e nem tão pouco precisa de que lhe façam cópias que tenha que assinar e tomar a responsabilidade.

Embora apoiado moralmente por entidades que merecem consideração e estima, sou o único responsável pelo que escrevo, não como secretário, mas como único e exclusivo autor.

E mais; se alguém com algo de instrução... encontra no noticiário prosa que não se adapta à mentalidade do correspondente, o que aliás até podia ser obra dum aluno da 3.ª classe, tal é a sua vulgaridade, ou tem pouco espírito de assimilação ou é simples supedania duma cabeça...

E fico por aqui por ter prometido não ir além do noticiário que se prenda com o desenvolvimento da minha terra, o que é meu veemente desejo, apesar dos reveses que tenho sofrido, para que não seja amanhã o calvário de meus filhos.

Procurar ampliar são princípios, defender causas justas, não afivelar máscaras de hipocrisia e desejar o bem comum, dignifica todo o português que se preza, aos olhos da Nação.

Autoridades

Por informação verbal, soubemos que recentemente foi nomeado regedor desta freguesia o sr. Amândio Estêvão Horta, conceituado comerciante. Na pujança da vida, recto e de espírito empreendedor, esperamos nos ajude a fazer uma freguesia maior.

Aniversários

Fizeram anos, em 6 do corrente, as seguintes pessoas: D. Maria Guelhermina Alberto, D. Ercília de Brito Quintino, a gentil menina Palmira Catarina Cavaco e o sr. Alexandrino Alberto de Macedo Xavier Cavaco, que completa 20 anos.

A todos, muitas felicidades e longas repetições anuais.

Notícias Pessoais

Em serviço profissional, tivemos o prazer de cumprimentar nesta aldeia o nosso amigo sr. Daniel Rodrigues Palma, conceituado alfaiate, com residência na vizinha aldeia do Azinhão, que na qualidade de agente da «Singer» nos deu a agradável notícia de estar a organizar um curso de corte e bordados, nesta localidade, que brevemente começará gratuitamente.

Gentilmente, a sr.ª D. Glória Alberto da Silva Cavaco, grande animadora de trabalhos de corte e costura, cedeu uma das suas moradias para o efeito.

Fomos informados de que brevemente a sr.ª D. Hermínia Rita Santana irá fixar residência em Coimbra, em casa de sua filha.

Encontra-se a passar as festas, em casa de seus pais, a gentil e prendada menina Maria Gomes Rodrigues, aplicada e mui distinta aluna de enfermagem, filha do nosso amigo e assinante sr. Manuel Rodrigues, industrial e proprietário, a quem apresentamos os nossos parabéns.

Tivemos o prazer de abraçar o querido amigo sr. Agostinho António da Palma, empregado da J. A. E., que a esta aldeia se deslocou a fim de assistir ao casamento de sua filha.

De visita a seus pais, encontram-se nesta aldeia os srs. Manuel Alberto da Silva Sales e seu irmão João Alberto da Silva Sales, ambos empregados em Lisboa.

Exames de adultos

No passado mês de Dezembro, prestaram as suas provas vários indivíduos, ficando todos aprovados.

Não é de mais salientar a força de vontade e espírito altruista do sr. Francisco Pedro Madeira, que alguns leccionou.

Por falta de elementos, não se designam os nomes, o que na primeira ocasião se fará.

Casamento

Pelas 9,20 horas do dia 31 de Dezembro, pretérito, realizou-se na Sé Catedral de Faro o enlace matrimonial da sr.ª D. Maria Bárbara Símplicio da Palma, filha do nosso amigo sr. Agostinho António da Palma, funcionário da J. A. E., e da sr.ª D. Adelaide Maria Símplicio da Palma, com o professor primário sr. António Alves da Costa Rufino, natural de Santa Comba Dão, filho do sr. João Alves Rufino e da sr.ª D. Maria Marques da Costa.

Foram padrinhos o sr. Mário Garcia Ramirez e sua esposa sr.ª

AGENDA

DEFESO DA PESCA

Entrámos, no dia 1 de Janeiro, no defeso da pesca da sardinha, nesta zona do País. Por este motivo, os cercos e as traineiras da nossa costa só voltarão ao mar no dia 1 de Abril.

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António

De 31 de Dezembro a 6 de Janeiro:

Entrados:

GRANDSON, Suíço, de 616 ton., de Tânger, vazio.

ALABE, Panamenho, de 1.595 ton., de Santander, vazio.

LAVEROCK, Inglês, de 1.209 ton., de Cádiz, com carga em trânsito.

TERCEIRENSE, Português, de 1.295 ton., de Lisboa, com carga em trânsito.

Saídos:

JOSÉ MANUEL, Espanhol, para Tânger e Ceuta, com folha de flandres, recipientes para conservas e pedras de estiva.

GRANDSON, Suíço, para Génova, com conservas.

LAVEROCK, Inglês, para Dublin e Bristol, com alfarroba e sardinhas em conserva.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 7 a 13 de Janeiro, a Farmácia SILVA, Rua Miguel Bombarda - Telefone 64.

Revista 'PUERTA DE ESPAÑA'

Acabamos de receber o n.º 1 desta bela revista aiamontina, referente aos meses de Novembro e Dezembro, a qual se apresenta como boletim informativo do «Centro de Enseñanza Media y Profesional» daquela cidade nossa vizinha.

De magnífica apresentação gráfica e óptima colaboração literária, técnica e comercial, em que se focam as actividades e os problemas principais da linda urbe andaluza — porta de Espanha para quem deixe Portugal por esta fronteira — tem agora Aiamonte o órgão jornalístico que lhe faltava.

Agradecemos a gentileza da oferta, desejamos êxitos e longa vida à nôvel revista «Puerta de España», cujo corpo redactorial daqui saudamos muito cordialmente.

NOVOS ASSINANTES

Tivemos o prazer de inscrever como assinantes do nosso jornal os srs. António Rodrigues Xavier e José Francisco dos Santos, ambos por indicação do nosso assinante sr. António Alexandrino M. Cavaco, e por ordem do sr. António Vicente Campinas, o sr. António da Encarnação Viegas.

Igualmente, deram-nos o prazer da sua inscrição os srs. Eurico Duarte Baltazar, Francisco da Palma Vilão e Manuel Fernandes Duarte e ainda o Ginásio Club de Faro.

A todos, os nossos agradecimentos.

Do Exercício da Solicitoria

Através desta local, vimos agradecer aos Ex.ªs Srs. Chefes de Repartição e de Secretaria, da sede desta Comarca, aos que já faziam cumprir e aos que agora, a nosso pedido, passaram a fazer cumprir a decisão tomada de — só atenderem na sua Repartição os próprios a tratar dos seus assuntos e os Srs. Advogados e sollicitadores, no interesse destes.

Também agradecemos, como sollicitador, a proibição feita nalgumas Repartições Públicas desta Comarca, pelos Ex.ªs Srs. Chefes de Secretaria, não permitindo que funcionários, seus subordinados, façam requerimentos — grátis ou remunerados.

Finalmente, chamamos a atenção do público, que tal desconheça, como é nosso convencimento que nos escritórios dos sollicitadores também se executam os serviços de sollicitadoria, que presentemente, quase na sua totalidade, canalizam para o cartório notarial deste concelho.

Vila Real de Santo António, 4/1/1956.

José Cândido Monteiro
Solicitor provisionário
Escritório: Rua Cândido dos Reis, 81

D. Maria del Carmen Sanches de Ramirez.

Foi celebrante o pároco desta freguesia, rev. Silvério Ferreira da Silva.

Após a cerimónia, os noivos regressaram a Odeleite, onde passaram a lua de mel.

Aos noivos, desejamos muitas felicidades. — e.

«O erro fundamental está em isolar o cinema das outras formas da actividade geral, e sobretudo — estudando-o — pretender arrancá-lo às suas dependências económicas.»
Léon Moussinac

SECÇÃO DE CINEMA

Orientação de VITORIANO ROSA

“QUE PENA SERES VIGARISTA”

Por ALESSANDRO BLASSETTI

NÃO fora o nome de Alessandro Blasetti a assinar a realização deste filme, e pareceria a um público mais esclarecido que era mais uma «italianada», sem Lollobrigida, mas com Loren, que está muito mais na «brecha».

Para um público menos esclarecido, lá estava a propaganda a encher os cartazes com o nome de Vittorio de Sicca (não deixando perceber bem se o filme era de sua direcção), coisa que já vai sendo habitual nos nossos distintos distribuidores, já que o nome de Blasetti não estava muito no ouvido desse público.

Para um outro tipo de público, ainda havia a Loren. Afinal, o filme tem novo interesse na maneira humana e compreensiva como são tratados os personagens numa história banal e aparçada como de série.

A história de um bom rapaz, de profissão motorista de táxi, que encontra uma vigarista que abusa do seu sexo na vigarice, era só por si situação de pouco interesse e que podia estar muito pintada com o «sex-appeal» da vigarista.

Mas o motorista é um rapaz de quem se mostram as dificuldades económicas. Um rapaz nada galã, mal vestidote porque já fez um sacrifício enorme para ter uma quota no carro e que reage normalmente quando, por causa da bela vigarista, vê a sua situação piorar. E a vigarista é uma rapariga que caiu naquela situação em condições nunca explicadas na obra (o filme não é profundo, vá-se esclarecendo), mas que reconhece a sua situação (diálogo à saída da garagem). E' uma rapariga que nunca escapa à sua deformação ou educação até mesmo nos processos amorosos (parte final do filme, quando o jogo amoroso é mais evidente), mas que é capaz de amar e de roubar e arriscar seis anos de cadeia para garantir o emprego do seu amor.

Nisto está o mais positivo do filme, a compreensão perante personagens reais: uma rapariga que faz um

jogo ilícito e um rapaz que se deixa levar por causa da sua bondade e... por causa da vigarice dela. Ele é enganado, mas continua a acreditar nela, e o fim diz que, apesar de tudo, nela podia acreditar, porque era digna dessa confiança (a oferta da cigareira e a parte final são elementos importantes do capítulo amoroso da história).

Está certo que o filme tem uma história superficial, leve. Que o estilo, os processos utilizados por Blasetti reflectem essa leveza. Maneira de contar directa, sem grandes virtuosismos de planificação ou de montagem. E' o estilo apressado duma história alegre que se conta a correr, com uma certa sátira. Estilo caracterizado pelo ritmo vivo daquela vida cidadã, do táxi sempre a andar, dos vigaristas nas zonas de movimento. E a música de Cicognini, como sempre, é um elemento precioso, neste caso, até na determinação do ritmo do filme.

Apesar da superficialidade da história e de alguma comercialidade nesta produção de Blasetti, é importante esclarecer que o erotismo não é, como se depreendia da propaganda, uma especulação comercial por parte de Blasetti. Ela é, de facto, uma mulher cheia de sexo, que o emprego na sua vigarice. Mas esse sensualismo é um utensílio que ela agita de longe, sem nunca se conspurcar. E' interessante notar, a propósito, que ela só beija o rapaz já quando o ama, e então esse sensualismo é fresco e dado, não vendido.

Um nome a apontar: Marcello Mastroianni, na figura do motorista, tem uma interpretação cheia de naturalidade.

Outra coisa ainda: a falta de habilidade e de escrúpulos de exibidores e distribuidores pondo nos próprios cartazes imagens que não aparecem no filme. Ainda gostaria de vender a esses senhores livros (se é que eles compram livros) com páginas arrancadas...

Adelino Carlos

O cinema que nós não vemos (2)



Depois de Achtung Banditti!, Cronache di Poveri Amanti, é a obra-prima de Lizzani e uma das mais importantes do cinema neo-realista italiano. De Carlo Lizzani apenas se conhece em Portugal A Margem da Metrópole (distribuído pela Sonoro Filme), e o livro «Le Cinéma Italien» (à venda na Livraria Bucholtz). E' um dos grandes nomes do cinema de hoje.

Conserveiro

Precisa-se, especialmente competente em fabrico de atum, preferindo-se tenha já trabalhado nas Ilhas ou Ultramar. Resposta com todas as informações ao n.º 21 deste jornal.

ANO NOVO, ANO FELIZ? Crónica do Natal

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

Deus nos deu a dita de o conhecermos ainda. Não vale esperanças vãs, fantasias ocas. Lutemos, denodadamente, por um Mundo melhor. Não será possível, porém, mas se todos com uma só vontade e uma só fé, a fé de ver o semelhante com a tolerância e a bondade que o Senhor prescreveu.

Todos iguais, irmanados na simplicidade de costumes, que, ainda hoje, é apanágio dos bons e dos justos.

Aguardemos, sorridentes e confiantes, o Novo Ano que se avizinha, que vem para nós com sorrisos e afectos.

A Natureza veste-se de gala; a neve, nalguns pontos, espera o Ano Novo, qual arminho cheio de candura.

Noutros pontos é o Sol que brinda, principescamente, ao Novo Ano.

Doira-lhe a entrada, alcatifa-lhe a passagem com um tapete de verdura, tenra, odorífera e esperançosa...

Hossana, então, ao Novo Ano, repleto de graça e inocência, como se concebe em tudo o que é puro e engrinaldado de rosas brancas e singelas!

O Ano Novo é também um rosário de contas transparentes e misteriosas, facetadas pelos dedos ocultos do Destino, que tanto podem arbitrar o nosso futuro, para o bem ou para o mal.

Quantas vezes esse futuro, glorioso ou obscuro, está nas palavras de um homem ou nos olhos de uma mulher?

Talvez sejam os poetas os melhores filósofos para devassarem essas profecias singularmente avassaladoras e sobrenaturais...

O admirável poeta do «Luar de Janeiro», psicólogo e maldizente das mulheres, vem, com o seu estro juvenil e sentimental, lançar no meu devaneio do fim de um que morre e de outro ano que nasce, a sua parábola amorosa, íntima e cristã:

Teus olhos, contas escuras,
São duas ave-marias,
De um rosário de amarguras
Que eu rezo todos os dias.

JUVENTUDE

OLHEMOS bem de frente as realidades. A juventude actual é a mais oca, espiritualmente, das juventudes do século.

As responsabilidades causam-lhe horror, a ausência de ideais suculentos é absoluta, o convencionalismo social põe-lhe as grilhetas.

Não sou suficientemente profundo para filosofar sobre o caso, mas esta é a realidade brutal que se impõe, pelo menos, tentar solucionar. Quanto a mim, existem três espécies de jovens.

Os primeiros são os que vivem mais ficticiamente. Há uma coisa que é a luz orientadora de toda a sua actividade: «o bom tom», ou numa palavra, a moda. Pelo que é «fashionable», são capazes de cometer toda a espécie de indignidades não propriamente no sentido moral, mas em sentido racional. Fazem calar a voz da razão, se a moda assim o exigir. Alguém chamou à moda a mais antiga das ditaduras.

Basta-lhes que a sua irracional consciência esteja com ela.

E esta estúpida subjugação revela-se nos das maneiras mais dispares.

Os segundos são os atreitos a aventuras donjuanescas de cordel. A sua ocupação predilecta são os olhares que a menina A. trocou com ele no carro eléctrico, ou os beijos amorosos que a menina B. lhe deu ou ainda a enumeração duma lista de patxonetas.

Os nossos avós foram também boémios, e isso têm de comum com os netos, mas os nossos avós tinham uma cabeça donde saíam muitas ideias nobres, embora também disparates, mas só os segundos são comuns aos netos.

Foram igualmente escravos da moda. Mas também sabiam emancipar-se dela.

Consideravam-na um passatempo.

Os terceiros são os amantes do desporto. Vivem dele e para ele.

Quanto a mim, os mais dignos de censura são os primetos, por mercê de circunstâncias várias, serem decerto os homens chamados amanhã a desempenhar os altos cargos que espirituais quer activos da nação. E de que espécie poderá ser o papel desempenhado, se a sua génese intelectual é deficientíssima?

E é este, convencidos da verdade que observamos, o panorama da juventude portuguesa contemporânea. Há excepções, mas elas infelizmente não bastam.

Fernando Honrado

Helena de Aragão

A ACÇÃO ASSISTENCIAL do I. A. F. no Algarve

NO dia 11 do mês findo, recebeu na capital do Distrito uma comvente e significativa homenagem a sr.ª dr.ª D. Nídia Ferreira Neto, delegada no Algarve do Instituto de Assistência à Família. Nela participaram todos os habitantes do denominado «Bairro da Lata» de S. Luís, tendo-se igualmente associado numerosas personalidades, para patentear a virtuosidade e benemerita senhora a sua profunda gratidão pelos esforços dispendidos na obra assistencial que o I. A. F. tem levado a cabo no Algarve, desde há alguns anos.

Com efeito, é justo salientar a sua actuação benemerita, num esforço que pode classificar-se de notável, de acção intensa e constante para que, na nossa província, a célula fundamental das sociedades obtenha a devida protecção que as modernas doutrinas de assistência preconizam, em vista a tornar o meio familiar mais coeso, digno e moralizado. E essa dignificação só pode obter-se proporcionando condições humanas de subsistência, não só no que respeita à alimentação e alojamentos condigno, como também no concernente a um eficaz auxílio material e moral na doença e invalidez.

Também no nosso concelho se tem feito sentir a benéfica influência do Instituto de Assistência à Família, que, através da dedicada actividade da sua Assistente local, sr.ª D. Norma Vaz Pires, tem conseguido minorar, discreta mas eficientemente, inúmeras dificuldades e carências nas famílias necessitadas de Vila Real e de Monte Gordo, em estreita colaboração com a Comissão Municipal de Assistência e com a Misericórdia.

No entanto, muito há ainda a fazer, neste ingrato campo de acção social, para que a assistência prestada no Algarve corresponda, em amplitude, meios de acção e resultados, às finalidades requeridas quer pelas directrizes oficiais superiores, quer pela consciência sensível dos que auscultam as muitas mazelas ainda por sanar. Porém, é de esperar que a sr.ª dr.ª D. Nídia Neto, com as suas invulgares qualidades de organização e dotes de espírito cristamente formado e bondoso, alcance melhorar ainda mais o muito de bom que neste sector já conseguiu realizar até agora.

Assim o desejamos e esperamos, enquanto dirigimos também à ilustre homenageada as nossas felicitações pela justa consagração pública do seu esforço.

Helena de Aragão

FESTAS DE FIM DO ANO

Por ocasião da passagem do ano, o Lusitano F. C. organizou, na sua sede, um animadíssimo baile, abrilhantado pelo conjunto «Os Dinâmicos», de Portimão. A sala de festas achava-se bem ornamentada, e foram atribuídos 5 prémios aos sócios que melhor ornamentaram os seus camarotes.

Na tarde do dia de Ano Bom, efectuou-se uma «matinée» no mesmo clube desportivo.

Também no Hotel Guadiana se reuniu um grupo numeroso de particulares, para festejarem a entrada do Novo Ano, com uma lauta ceia, que se prolongou até madrugada no meio de grande alegria e animação.

“O CASTANHEIRENSE”

Com a publicação do número 748/751, inseridos num só número com bastantes páginas e bom aspecto gráfico, entrou no XX ano de publicação este nosso prezado colega, que se publica em Castanheira de Pera.

Ao seu director, sr. Ilídio José Coelho e a todo o corpo redactorial, o «Notícias do Algarve» deseja longa vida e muitas felicidades.

AGENTES PRECISAM-SE

Para venda das insuperáveis máquinas TRIUMPH e HAID & NEU, uma maravilha da indústria alemã.

DIRIGIR À
Sociedade de Máquinas Latino-Alemã, L.ª
Rua 5 de Outubro, 88-90 LOULÉ

ÓCULOS

para sol e vista cansada e sob receita médica

Consulte a:
Agência Comercial e Marítima do Sul
— Telefone 76 —
Vila Real de Santo António

Clínica de Santo António

(CASA DE SAÚDE E REPOUSO)
sob a Direcção Clínica do Dr. Albano de Lencastre
Rua Guilherme Gomes Fernandes
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

MERCEDESé a última palavra da técnica
Alemã em máquinas de escreverAgente no Algarve:
APARTADO 70**FARO**

Aceitam-se sub-agentes

**CHAVENAS DE CAFE
QUASE AMARGO**

Pelos Dr. CRUZ MALPIQUE

O DUELO DO MAL E DO BEM*Era Sócrates quem de si dizia:
«Nasci talvez para o mal, mas
fiz-me bom».**Todos nós, mais ou menos,
damos a impressão (no homo
duplex, que somos) de pender
mais para o mal do que para o
bem. Só uma propostada e in-
tensa auto-educação evita que
tenhamos de repetir, como bio-
grafia pessoal, o dito de Ovídio:
«bejo o bem que adoro, apro-
vo-o, mas sigo o mal que de-
testo».***HISTÓRIA DE UM BEIJO***Unamuno estranhou ver num
escaparaté de libretto português
a história de um beijo, de Pé-
rez Escrich, autor já olvidado
na Espanha dessa época (1908).
E concluiu que se os portugue-
ses lêem esse autor «es, sin du-
da, porque les hace llorar, y
Portugal tiene sed de lágrimas».**Todas as Histórias dum beijo
passaram do livro para o écran
do cinema. Outros Pérez Es-
crich surgiram, mas não já pa-
ra serem lidos, mas vistos e
chorados, com vizinhança ao la-
do, e à meia luz...***TUDO EM NÓS É TACTO***Com a vista, tacteamos a luz,
a cor, a paisagem. Com o pa-
ladar, tacteamos líquidos e ali-
mentos. Com o olfacto, tacteamos
os gases. Com o ouvido,
tacteamos os sons. Tudo em
nós é tacto, tacto em flagrante,
nuns casos, tacto a distância,
noutros, mas sempre tacto.**(Se a confraria dos psicólogos
divergir — passe palavra.
Queremos ouvir a sua opinião
oracular).***POETAS ANALFABETOS***Em terra de beócios, desde
que um poeta ponha dois dedos
de densidade nos seus versos —
logo se torce o nariz, e se afir-
ma: são versos de pensador,
mas não de poeta. O poeta,
para o ser de verdade, entre in-
divíduos que, no cérebro, ten-
ham serradura, em vez de mito-
los, há-de ser mais ignorante
do que permite a força humana.
Se for analfabeto — tem asse-
gurada a imortalidade no mun-
do dos imbecis, dos idiotas e
dos cretinos.***ERUDIÇÃO E PREGUIÇA MENTAL***A pura erudição — por mais
que doa a muitos que nela fazem
carreira — é uma forma mal
desfardada de preguiça mental.
Muitos dos eruditos que nós co-
nhecemos metem-se nos traba-
lhos das miudezas eruditas,
apenas para que não conste que
nasceram vacinados contra as
lídes do raciocínio.**E, na verdade, a erudição, de-
sacompanhada do espírito críti-
co, não passa de uma forma
alotrópica da preguiça intel-
lectual.**Todavia, essa erudição não é
inútil. Dizemos cobras e lagar-
tardos dos eruditos — mas Deus
não nos falte com alguns...***«Notícias do Algarve»***Tiveram a amabilidade de ende-
reçar-nos cumprimentos de Boas
Festas os nossos estimados colabo-
radores: sr. dr. D. Maria Manue-
la Nunes, dr. Vasco Martins, dr.
António de Sousa Pontes, Fernando
Morais Rodrigues, António Vicente
Campinas e António Macheira.**Também o sr. Victor Manuel de
Sousa Coelho, «Invalídulo do Comér-
cio», de Lisboa e a gerência de «A
Financiadora» (Organização de Cré-
dito), de Lisboa, nos enviaram cum-
primentos.**A todos, agradecemos e retribu-
ímos, com sinceros votos de feliz
Ano Novo.***Visado pela Comissão de Censura**

Notícias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

AS CAUSAS DA MORTE DE MOUZINHO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

hesitações da Metrópole não to-
lherem a sua liberdade de acção.
O Governo, presidido pelo conse-
lheiro José Luciano de Castro, ia
vencendo as resistências que se
esboçavam a alguns pedidos de
Mouzinho, como para a proposta
do empréstimo de 100 mil libras,
destinadas a resolver a situação
cambial e ao fomento da província
de Moçambique, contrariada
pelo ministro da Marinha e
Ultramar. Este ministro, Dias
Costa, opusera-se também à cons-
tituição de uma força expedicio-
nária da Marinha, que Mouzinho
julgava necessária «para meter na
ordem o couto de Angoche, onde
operavam bandidos e negreiros».

Apesar destas e outras contra-
riedades, embarcou novamente
para Moçambique, em 22 de Abril.
A sua genial visão colonial era
combatida pelos invejosos e cre-
tinos, nulidades que por vezes le-
vavam à ruína os interesses sagra-
dos do País. O Governo não lhe
facilitava os meios de que carecia
para completar a ocupação, lan-
çando as bases de administração
e fomento de que Moçambique
necessitava.

Ele, que devera todas as suas
vitórias à boa concepção dos pla-
nos e a ser fulminante no ataque
aos revoltosos, queria também ser
dinâmico na sua acção adminis-
trativa, mas as demoras, devido
às praxes parlamentares e buro-
cráticas, desgostavam-no. Não lhe
enviavam médicos e oficiais que
pedia, continuava aguardando a
aprovação do projecto das obras
do porto de Lourenço Marques e
do empréstimo.

Ao fim de longo tempo, um dia
houve em que lhe chegou a notícia
de que o Parlamento tinha apro-
vado o empréstimo. A alma en-
cheu-se-lhe de entusiasmo, pre-
vendo, com segurança, o futuro
de Moçambique. Mas, — ironia
do destino —, pouco depois, sou-
be que tinha sido publicado um
decreto que cerceava as suas fun-
ções de commissário régio. Então
a sua alma transbordou de tristeza
e de indignação. A política, a
eterna política que ele tanto de-
testava, fez cair por terra todos
os seus planos, sonhos que vivera
em horas de febre e entusiasmo
patriótico. A sua vida colonial
tinha terminado. Não queria mais
servir um governo que privava o
rei e o País de ter à frente da
província de Moçambique o ho-
mem que melhor podia orientar
os seus destinos. Imediatamente
telegrafou ao presidente do Con-
selho pedindo a demissão, nos se-
guintes termos: «Em vista decreto
corrente, peço minha exonera-
ção imediata, visto El-Rei sancio-
nar diploma que, cortando atri-
buições, manifesta pouca confi-
ança actual gabinete e desaprova-
ção actos meus passados. Mouzinho.»

O Governo, no dia imediato,
telegrafa-lhe, reafirmando con-
fiança e não concedendo exonera-
ção. Mouzinho insiste, e o Go-
verno continua a afirmar-lhe con-
fiança e a dar-lhe explicações;
mas ele mantém-se intransigente
e diz: «demonstração de confi-
ança são actos e não palavras. Ou
revogam decreto 7, ou mantenho
pedido de demissão». Em 19 do
mesmo mês, o presidente do Con-
selho aceitou a demissão, num te-
legrama onde diz: «é Governo
forçado a aceitar sua exoneração,
o que muito sentiu».

A política de então, afastando
Mouzinho da vida colonial, com-
etia um grande erro e inutilizava
uma vida, uma vida de herói que
granjeara de novo para Portugal
os créditos de grande nação co-
lonial.

Antes de abandonar o cargo,
Mouzinho escreveu uma carta,
datada de 23, ao presidente do
Conselho, onde recapitulava a
história da sua renúncia, apontan-
do factos que prejudicavam a sua
administração, e queixando-se de
desconsideração.

Há nessa carta passagens em
que se diz: «Em que tenho eu,
porventura, sido desleal, para que
nas minhas costas se planejem
emboscadas contra mim? Assim,
saio desta província sacrificado à
má fé do ministério a que V. Ex.^a
preside, má fé que usou para El-
-Rei e que o priva e ao País de
ter à testa deste governo quem
melhor serviço lhe podia prestar
nesta ocasião». E termina, com
as seguintes palavras: «Só quem
não deve não teme, Ex.^{mo} Senhor,
por isso eu a ninguém temo».

Chegou a Lisboa a 5 de Setem-
bro, e a sua chegada, como a sua
renúncia, causaram sensação.
Em Novembro, foi nomeado ajuda-
nte de campo efectivo do rei,
oficial-mor da casa real e aio do
príncipe D. Luís Filipe. Esta re-
paração, dada por D. Carlos, não
agradou à maior parte dos políti-
cos. Mouzinho não poderia dei-

nar de sentir-se honrado com um
cargo de tão alta confiança, que
lhe permitia intervir na educação
de um príncipe destinado a rei.
Mas tudo indica que essa honra
não trouxe grande entusiasmo à
sua vida, nem acalmara a sua nos-
talgia de África. Nascera para
mandar, para formar novas civili-
zações pondo em acção os in-
úmeros recursos de militar e de
dirigente. Queria ser um ele-
mento activo, se bem que para isso
necessitasse derramar generosa-
mente o seu sangue. Não se
conformava com a vida palaciana,
cheia de intrigas, onde a sua alma
de herói sofria de tédio.

Mouzinho tinha mostrado ser
uma notável revelação de mereci-
do e invulgar prestígio, pondo à
prova as extraordinárias qualida-
des de iniciativa e de realização.
Tinha ambicionado pacificar Mo-
çambique, queria também reorgani-
zar a sua vida administrativa,
de forma a poder ser apontada
ao Mundo como uma colónia
exemplar. Mas os seus inimigos
não consentiram, e a política que-
brou-lhe os vóos de grande coloni-
zador. Sentia-se deslocado junto
da corte. Numa das suas confi-
ssões, diz: «O príncipe é um
ótimo rapaz. El-Rei trata-me o
melhor possível. A rainha faz-me
a honra de ser muito minha
amiga. Mas o meu meio não é
aquele...»

Durante estes três anos atra-
vessou um período de muita exci-
tação e, por fim, de profundo abati-
mento, até que, não suportando

por mais tempo as intrigas dos
que o rodeavam, pôs termo à vida,
ao anoitecer do dia 8 de Janeiro
de 1902.

O dr. Pedro Gaivão, cunhado e
íntimo de Mouzinho escreveu no
«Diário Ilustrado», de 16 de No-
vembro de 1902, entre outras,
as seguintes palavras: «O rei não
era o rei que ele sonhava (nem o
podia ser); a nobreza não era,
também, a do seu tempo moral; o
Exército, — paixão suprema da
sua alma — não era o sacerdotio cí-
vico, feito de disciplina, que é a
renúncia da vida e da aventura,
que é a ansia da morte gloriosa,
mas um modo de vida como qual-
quer outro; os governos não go-
vernaram, transigiam cobardemen-
te; a selecção dos homens fazia-se
pelos processos da intriga política,
e não pela coragem e pela in-
flexível rectidão moral».

Por este perfil psicológico de
Mouzinho, compreende-se o des-
fecho trágico da sua vida, imagi-
nando a extrema sensibilidade da
sua alma, que gerou um estado
de espirito a debater-se entre os
actos extremos de heroísmo e de
renúncia.

Mouzinho de Albuquerque, cujo
nome completo era Joaquim Au-
gusto Mouzinho de Albuquerque,
nasceu a 11 de Novembro de 1855,
no concelho da Batalha, e morreu
apenas com 47 anos de idade, de-
pois de uma vida gloriosa dedica-
da ao engrandecimento e à ex-
pansão de Portugal em África.

Vergílio Passos

À JANELA DA SAUDADE

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

honrosa profissão de instruir e
educar! Não basta confirmar que
este e aquele professor foi com-
petente e justo, durante a longa
caminhada do ensino! É preciso
que se diga alto, que se louve,
que se enalteça publicamente o
quanto de muito grande representa
a tarefa de ensinar! É preciso
que, prestando-se a consagra-
ção na pessoa de uma professora
com mais de 40 anos de serviço
em prol do ensino primário, se
incuta, se alevantar aos altos luga-
res de tudo quanto é bom e justo,
a missão do professor primário!
É ele quem força a abertura da
porta da inteligente preparação
para a vida do futuro homem que
toda a criança representa! É
ele que dá tudo quanto pode para
que a criança receba tudo quanto
precisa! Bem haja, pois, o pro-
fessorado primário, que tanto
admira!

Uma homenagem, como a que
agora se está preparando, é como
um reconfortante tónico para to-
do o professor que, perto ou lon-
ge, tome dela o devido conheci-
mento. É como que um estímulo
para a perseguição da sua nobre
tarefa! A professora em foco,
neste momento, na gratidão dos
seus antigos alunos, representa
como que um símbolo de reco-
nhecimento de todos os alunos
para todos os que foram seus
professores!

Os meus votos para que tal ma-
nifestação decorra com a gran-
deza por todos nós desejada. E
aqui deixo um abraço, sincero e
afectuoso, para os que tiveram
tal iniciativa e para todos aque-
les que, de uma forma ou de ou-
tra, puderam ajudar a mesma.
Graças a todos, poderão os outros
antigos alunos de D. Maria dos
Anjos manifestar, nem que seja
em pensamento, a sua natural e
justa gratidão!

CEIA DE FIM DE ANO

COMO vem sendo tradicional,
de há vários anos a esta parte,
um numeroso grupo de vilarre-
alenses comemorou a passagem do
ano velho para o ano novo, com
uma ceia de despedida!

Desta vez, tal repasto teve lu-
gar no «Hotel Guadiana», com
características um tanto diferen-
tes e mais simpáticas: — abri-
ram-se as portas para todos aqueles
que se quisessem inscrever em
tal confraternização.

Não pude comparecer. E tive
pena, pois seria interessante po-
der, também, ver com os próprios
olhos os laços de camaradagem e

< RODOVIARIA >

Safu o número de Dezembro da
«Rodoviária», que se apresenta
excelentemente colaborada e com
belo aspecto gráfico. Merece re-
ferência especial o interessante
estudo sobre a evolução dos ser-
viços de incêndios, do comandante
A. Ivario Valente.

de amizade que estas manifesta-
ções quase sempre conseguem.

Esperemos que todos quantos
a tal passagem de ano assistiram
consigam proporcionar à Vida,
com o seu exemplo e palavra, um
pouco mais de compreensão hu-
mana, de fraternidade e de bem-
-estar.

ANO NOVO: VELHO ANO

COMO foste novo e hoje és ve-
lho, ano velho de 1955! Como
trouxeste o teu ventre tão
carregado de sonhos, de esperan-
ças, de certezas — e como te ol-
vidas agora, e tanta gente te
maldiz! Foste uma imensa mon-
tanhã de ouro, para tanta gen-
te! Foste como o mais traço-
eiro e sujo lago, para muito mais
gente! Mas, ao fim e ao cabo,
cumpriste o teu dever! Os ho-
mens souberam cumprir o seu de-
ver, velho ano de 1955! Trou-
xeste a Paz à Humanidade sofre-
dora e temerosa! E a Paz é dos
maiores bens que a Humanidade
possui!

E tu, menino ano, tu que en-
traste com o calor das saudações;
tu que escutaste o grito alegre
de tanta gente que festejava o teu
nascimento; tu que sentiste o tin-
ir de taças e de copos, o riso
alegre da juventude e da velhice;
tu que percebeste os murmúrios
das preces, o roçar de asas das
esperanças ciciadas; tu que és
nascente enfeitado de ilusão e
de desejos, que, pelo menos, man-
tenhas o triunfo conquistado por
teu irmão antecedente: a Paz entre
os homens de boa-vontade!
E, se poderes, proporcione, tam-
bém, Conforto e Alegria! Só
desta forma, quando fores poente,
deixarás a saudade generalizada
no coração de toda a gente — que
agora te ama e enaltece por seres
apenas uma criança!

UMA QUADRA

Ano Novo, Vida Nova
— Diz sempre o velho rifão...
Por muito gasta, uma trova
tem o ar novo da ilusão...

A. Vicente Campinas

A SEMANA DO HOSPITAL

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

próprio Banco do Hospital, a
partir das 16 horas de hoje.

Consta-nos que a importante
firma conserveira deste centro
«Lusofábrica, Lda.» ofereceu ao
Hospital desta vila um valioso
aparelho produtor de ultra-sons,
que muito vem beneficiar os doen-
tes que necessitem de tratamento
por agentes físicos. É um gesto
digno de louvor, e que deveria ser
imitado por outras entidades, que
bem poderiam auxiliar um pouco
mais o nosso Hospital a realizar
a sua benéfica missão em melho-
res condições de apetrechamento
e desafogo.

Que ninguém falte, pois, com
o seu auxílio — pequeno ou gran-
de — ao nosso Hospital da Misa-
ricórdia!

Uma crónica por semana

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

des de quem vive na cida-
de são superiores, e sei per-
feitamente que hoje em dia,
em muitas terras da pro-
víncia, há um alto grau de
luxo e de «ratança», mas
tão somente que a vida, de
uma maneira geral, é sem-
pre mais económica fora
dos grandes centros, até,
talvez, porque na aldeia não
há tanto onde gastar dinhei-
ro como em Lisboa e lá
sempre os géneros são um
pouco mais baratos.

Posto este pequeno
preâmbulo, passo a dar lu-
gar a uma «DONA DE CA-
SA» que será a cronista de
hoje. O que escreveu, com
bastante clarividência e
acerto no «Diário de Lis-
boa», é uma realidade e
«UMA CRÓNICA POR SE-
MANA» procura, justamen-
te, focar o que em cada se-
mana mais nos chocou, pela
sua premente actualida-
de e objectivo:

«Ontem, tive uma pequena dis-
cussão com meu marido. Os ho-
mens ganham os ordenados, mas
depois de um dia glorioso dedica-
do ao engrandecimento e à ex-
pansão de Portugal em África.

**ATINGIU O MAIS ALTO VALOR
DE TODOS OS TEMPOS**

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

ter emigrado para sempre.

Segundo os números pro-
visórios em nosso poder,
as vendas, no ano findo, na
nossa lota, atingiram o to-
tal de 43.900 contos, não
incluindo as vendas das
pequenas artes, que devem
fazer subir este número
para mais de 44.000 con-
tos. Descontando-se na-
quele total 2.564.445\$00,
referentes ao atum marro-
quino,apura-se que se
transacionaram na nossa
lota 41.335.564\$60 de peixe
pescado por artes de pesca
nacionais. Este número
sobrepõe o total mais ele-
vado que se tinha registado
na nossa lota, e que foi de
41.114.608\$00, em 1952. É
um número bastante ex-
pressivo e que mostra lar-
gamente o valor económico
de Vila Real de Santo An-
tónio no conjunto das acti-
vidades nacionais.

É pena que o nosso Mu-
nicipio, à frente do qual
está uma individualidade
a quem não são, de modo
nenhum, indiferentes as
manifestações de espirito e
de delicadeza, não tivesse
ainda encarado a sugestão,
feita oportunamente, da
criação de prémios de pes-
ca para galardoar aqueles
que, trabalhando, é certo,
em seu proveito, trabalham
implicitamente para o pres-
tígio e para o engrandeci-
mento económico de Vila
Real de Santo António.

Começou o defeso, no
princípio deste mês. Du-
rante três meses a nossa
frota vai sofrer as benefi-
ciações e as pinturas de
que carece, após a faina
activa e trabalhosa de nove
meses. Oxalá o Inverno
não seja muito rigoroso e
não obrigue os nossos bar-
cos a fugirem para o vizi-
nho esteiro espanhol de
Canelas, a procurarem o
abrigo que ainda não lhes
foi proporcionado com a
abertura da nossa doca.

E agora, até Abril,
amigos! — B.

gados, com uma diária fixa, pe-
rante preços móveis? A discus-
são começou por isto mesmo.
Meu marido senta-se à mesa e
aborrece-se porque lhe dou sem-
pre a mesma coisa: um peixe
fraco, uns acompanhamentos
cada vez mais escassos. Os ho-
mens ralam-se para o ganhar,
mas nós, as mulheres, ralamo-
-nos para o governar, de modo
que não falte o indispensável ao
marido e aos pequenos. Será
fácil, porém, a minha função, se
vou à praça e a percorro em to-
dos os sentidos e não encontro
já, sequer, aquele peixe infal-
ível nas mesas dos pobres — mas,
enfim, compatível com a sua
pobreza?

Sim, ontem, à mesa, discuti-
mos. E eu, arriscando-me a per-
turbar a digestão de meu mari-
do, atirei-lhe com alguns preços
que fixara pela manhã, no mer-
cado. Exaltou-se, não quis
acreditar. Hoje, aqui fixo al-
guns outros preços que recolhi
no mercado da Ribeira. Que
pobreza de bancas! Que pobre-
za de talhos! Dizem que estão
a tomar medidas, que foi esta
e aquela alta proibida. Coisas
que os senhores, lá «de cima»
mandam para os jornais. Mas
nós chegamos às lojas, aos mer-
cados, e encontramos uma ver-
dade diferente. Os vendedores
dizem mesmo: «isso são coisas
dos jornais. Eles que lho ven-
dam, eles que façam o que di-
zem». Aprenderam esta lingua-
gem por ocasião da guerra. Mas
agora não há guerra e faltam
muitas coisas essenciais. Com-
preenderá isto meu marido?

Fecho esta página, apreensi-
vamente. Meu marido não com-
preende que terá de arranjar
mais dinheiro, de por onde der,
se quiser manter o escasso ní-
vel da alimentação que nos re-
tine alegremente à mesma mesa.
Pai agora, sobre ela, uma
grande inquietação, é certo. É
que o amor da família não che-
ga para viver.»

DONA DE CASA

**TEM A PALAVRA
o Tribunal de Haia**

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

to de passagem para Dadrá
e Nagar-Aveli. Este trata-
do não foi revogado; assis-
te-nos o direito de exigir o
seu integral cumprimento.

O Tribunal de Haia vai,
pois, decidir sobre o nosso
direito de passagem para
os enclaves, sobre o impe-
dimento que a União In-
diana tem exercido neste
sentido e, ainda, que cesse
esta situação e permita a
Portugal o livre exercício
do direito de passagem para
Dadrá e Nagar-Aveli.

É a resolução necessária
para podermos escorregar
do território português os
discólos que ali simu-
lam uma soberania, filha
da mais vergonhosa rapi-
nagem.

A acção presente ao Tri-
bunal da Haia foi a solu-
ção mais ponderada do
nosso Governo.

Não podemos deixar de
focar o ambiente interna-
cional criado em volta des-
te problema de soberania,
e a actividade desenvolvi-
da pelo ilustre Ministro
dos Estrangeiros, prof. dr.
Paulo Cunha, que, na sua
recente viagem aos Estados
Unidos da América do
Norte e ao Canadá, soube
pôr em relevo os direitos
de Portugal e definir, na
comunicação conjunta Dul-
les-Paulo Cunha, a posição
destes dois países.

A União Indiana é sub-
metida ao mais alto Tribu-
nal do Mundo, de cuja sen-
tença, idónea e imparcial,
não será possível negar a
legitimidade, e ao qual re-
corremos seguros da justí-
ca e do direito que temos,
bem reconhecidos já pelos
principais Nações.

J. Estêvão Pinto

Assina e propaga «Notícias do Algarve»